

O processo [neo]paradigmático do audiovisual como instrumento da exteriorização e exercício do ver: uma experiência educ comunicativa com jovens autistas

Kildare de Medeiros Gomes Holanda
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: kildaregomes@uern.br

RESUMO

A tecnologia da visão representa a coloração humana do ver. É com ela que uma série de efeitos se multiplicam no cotidiano das pessoas. O presente trabalho se desenvolve na busca em alcançar o processo e reprodução tecnológica do ver através das técnicas videográficas. Discute o processo de aproximação videográfica de jovens autistas, estudando as suas capacidades comunicacionais com as ferramentas tecnológicas. Numa abordagem interdisciplinar, situamos este estudo na perspectiva de uma cognição inventiva (Varela *et all*, 2003; Maturana, 2002) em uma convivência configurada por sujeitos, instituições, tecnologias. O vídeo será utilizado metodologicamente como extensão da visão humana (McLuhan, 2007), que tem ambiência na sistematização do roteiro videográfico elaborado pelos sujeitos produtores e possuidores de capacidade educ comunicativa. Nesse percurso teórico resta evidenciado a importância de valorização das potencialidades desses sujeitos, ao passo que se lustra a condição cognitiva do autista como tendo uma identidade própria, sem que para conviver socialmente eles abdicuem de suas peculiaridades comunicativas e busquem mecanismos para tornarem-se pessoas ditas normais (Canguilhem, 2009). A tecnologia farmacológica, inicialmente valorizada e conjugada com a internação manicomial, fora substituída ao longo do tempo por outras metodologias que articulam linguagens e tecnologias na experiência com jovens autistas. Pesquisas em curso no Brasil priorizam o trabalho envolvendo educação e tecnologias, passando a focalizar os espaços de saúde mental. O encontro de jovens com tecnologias – vídeo, informática, rádio, fotografia etc. – fortalece e impulsiona o avanço na descoberta de novas possibilidades para o trabalho com saúde mental a partir de uma interação que resgata a potencialidade singular do ser, principalmente no trato social, ampliando a rede de inteligências combinadas com as características diferenciadas das potencialidades que (co)habitam em

sociedade. Como método de pesquisa, utiliza-se o vídeo como extensão da visão humana, que teve ambiência na sistematização do roteiro videográfico elaborado pelos personagens produtores em oficinas para operações básicas de utilização dos equipamentos na captação das imagens e busca alcançar a sua natureza educ comunicativa na produção de sentidos. Na seara videográfica, esse trabalho se coloca com potencialidade de perturbar e desestabilizar modos de ação já acolhidos no social, estabelecendo uma ponte, uma fresta desde onde os jovens habitam a cidade. Eis que o processo educ comunicativo desponta na utilização dos instrumentos de mídia capaz de produção e autoria. A virtualização assim delimitada servirá para descobrir “[...] uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular” (Lévy, 1996, p. 17-18). Na experiência educ comunicativa o jovem se encontra envolvido no seu próprio olhar e encontra-se consigo mesmo nas atividades por ele desenvolvidas, pois assim como esclarece Maturana (2001), somos capazes de observar o próprio observar em uma experiência de terceira ordem na linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Criação videográfica; Tecnologia da comunicação; Cognição enativa; Jovens em situação de sofrimento; Educomunicação.

INTRODUÇÃO

As relações estabelecidas entre o sofrimento psíquico e os ambientes manicomial estão sendo alvo de críticas, motivo pelo qual os estudos e pesquisas estampam os resultados negativos dessa espécie de relacionamento terapêutico. Com base na reflexão sobre os efeitos danosos do ambiente manicomial e dos tratamentos ancorados na lógica do isolamento é que alternativas e intervenções interdisciplinares estão sendo construídas a fim de configurar outras possibilidades de convivência no social. No campo da comunicação a contribuição pode ser delineada através dos instrumentos tecnológicos capazes de desenvolver um trabalho inventivo baseado nas capacidades cognitivas dos jovens autistas envolvidos com a temática da saúde mental. Nesse aspecto as múltiplas conexões e possibilidades midiáticas favorecem o desenvolvimento desse tipo de trabalho acadêmico, ao tempo em que se amolda com certa facilidade na própria lógica comunicacional dos sujeitos envolvidos nesse contato com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's). O presente trabalho aborda o processo de criação videográfica de jovens autistas e se inscreve no campo de estudos que analisa

as transformações e deslocamentos, sendo é possível observá-lo a partir das circunstâncias de produções em que esses mesmos jovens se encontram com as tecnologias da comunicação.

O ambiente manicomial, antes visto como um local adequado para tratar das psicoses, neuroses, autismo, depressão e vários outros traumas psicológicos, encontra barreiras quando da análise de relatos dessas experiências já realizadas na seara psiquiátrica, que enxerga no manicômio uma prática altamente negativa de isolamento. Luta e política antimanicomial se amplia no Brasil, especialmente a partir dos anos setenta, processo que interage com as lutas sociais pela redemocratização comunitária em que os cidadãos se posicionam enquanto protagonistas de uma história em transformação. Nesse contexto da pesquisa, os conceitos de protagonismo e as possibilidades do exercício de autoria no sentido de tomar nas mãos a própria configuração do viver se situam como operadores essenciais, quando passamos a construir novas modalidades no trabalho que envolve saúde mental e tecnologias videográficas.

Autor como Amarante (1996) perfaz a trajetória das transformações por que passou a assistência psiquiátrica no Brasil até a atualidade. Situa entre os anos 1978 e 1980 o início do movimento da reforma psiquiátrica hoje vigente como política pública de saúde mental. A concepção de saúde mental passou a incluir a participação ativa das pessoas e grupos nos seus processos de mudança e nos projetos de transformação social (Fagundes, 2006). Diferente da vertente preventivista da psiquiatria dos anos 1970, que tomava como alvo das práticas de saúde mental a adequação da loucura ao meio social, o que se busca agora é a produção de novas formas de sociabilidade onde a diferença tenha lugar. A década de noventa assinala o momento em que o movimento pela reforma psiquiátrica firmou-se como política de saúde mental do Ministério da Saúde, fomentando a implantação de serviços substitutivos ao manicômio em todo o território nacional – através das ações do Sistema Único de Saúde (Brasil, 2004, 2005). Contudo, isso não elimina as contradições e enfrentamentos que atravessam a história da saúde mental no país, levando à recorrência dos esquemas asilares fundamentais, centrados em práticas tutelares e segregacionistas, mesmo no interior de dispositivos e equipamentos propostos como substitutivos ao manicômio, sendo esses esquemas, ainda, os que, por desconhecimento, preconceito ou “psiquiatrização” (Foucault, 2006), são reconhecidos e legitimados por uma parcela expressiva da sociedade.

Essas mutações ocorridas ao longo dos anos se desencadearam justamente pelo fracasso obtido (apenas e tão somente) com uma terapia medicamentosa e o aprisionamento do corpo, gerando cada vez mais revolta

e acidez nos sentimentos daqueles que eram colocados às margens do convívio social. O distanciamento da família, dos antigos amigos e companheiros de conversas, das instituições sociais resultou no recrudescimento dos desequilíbrios mentais e atrofias no campo social, denotando a falência do sistema de tratamento manicomial e seus métodos clínicos arcaicos. A reforma psiquiátrica brasileira apresenta-se, portanto, como movimento em contínua transformação, através do qual se busca viabilizar a passagem de um modelo de assistência centrado no hospital psiquiátrico para um modelo comunitário de atenção, incidindo sobre campos distintos, mas em relação a cultura, política, gestão, formação, clínica –, um campo que abre possibilidades para um trabalho interdisciplinar onde inscreve-se o presente estudo.

A tecnologia farmacológica inicialmente valorizada e conjugada com a internação manicomial fora substituída ao longo do tempo por outras metodologias que articulam linguagens e tecnologias na experiência com jovens em circunstâncias de sofrimento psíquico. Pesquisas em curso no nosso país que antes priorizavam o trabalho envolvendo educação e tecnologias passam a focalizar os espaços de saúde mental e, desse modo, insere-se nessa condição o modelo que aproxima comunicação e saúde mental. O encontro de jovens com tecnologias – vídeo, informática, rádio – fortaleceram e impulsionaram o avanço na descoberta de novas possibilidades para o trabalho com saúde mental. Desaparece o antigo ambiente de tratamento e faz nascer uma nova perspectiva da realidade dos pacientes portadores de distúrbios mentais através de um processo onde a tecnologia da inteligência e a tecnologia midiática se envolvem de tal maneira que produz uma intervenção criativa capaz de *atualizar* o processo de *virtualização* ao contato constante dessa terapêutica (Lévy, 1996).

Eis que determina o processo educomunicativo¹

1 O aspecto educomunicacional proporciona a elasticidade dinâmica de alcance das potencialidades dos jovens autistas, bem como colabora com a proposta antimanicomial. Para tanto, reforça o pensamento de Soares (2011: 18): “Esta é a razão pela qual se afirma que o eixo das relações comunicacionais entre pessoas e grupos humanos converte-se no hábitat natural da educomunicação. Sua função é a de qualificar tais relações a partir do grau de interação que for capaz de produzir. Conceitos como democracia, dialogicidade, expressão comunicativa, gestão compartilhada dos recursos de informação fazem parte de seu vocabulário. Está presente onde práticas de comunicação se manifestam com conseqüências para a vida em sociedade: na família, na escola, na empresa, na própria mídia.”

em utilizar os instrumentos de mídia capazes de produção e autoria nesta pesquisa intervenção em que oficinas videográficas são oportunizadas e construídas com os jovens. A virtualização assim colocada servirá para descobrir “[...] uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular.”² Nessa experiência educ comunicativa o jovem encontra-se envolvido no seu próprio olhar e examinará as atividades por ele desenvolvidas, pois assim como esclarece Maturana e Varela (2001), somos capazes de observar o próprio observar em uma experiência de terceira ordem na linguagem.

Ao propor essa temática de estudo, busca-se desenvolver uma pesquisa a fim de observar as transformações e deslocamentos que surgem em processos de atualização da experiência de inscrição no social quando jovens autistas se encontram com dispositivos videográficos e desenvolvem um trabalho de criação. Longe de ser considerado como um instrumento de cura, a educ comunicação não se estabelece com esse propósito, antes se vê como um instante de aproximação do indivíduo para consigo mesmo e dele para com os outros personagens sociais. Na verdade a educ comunicação, nesse mister, trabalha como dínamo que envolve as capacidades da tecnologia da inteligência do jovem e trata em desenvolvê-las no sentido da potencialização das formas de inscrição no mundo (Soares: 2011).

A intervenção midiática será ferramenta onde observar-se-á as possibilidades de construção de uma realidade diferenciada na sistemática de vida dos jovens que enfrentam essa dificuldade de comunicação interpessoal, mas que são possuidores de uma potencialidade dialógica com as ferramentas tecnológicas. Essa proposta visa agregar os valores do vídeo (delineando a realidade virtualizada em que esses jovens estão inseridos), a atualização necessária (quando da realização do trabalho videográfico e sua posterior observação/contextualização por parte dos envolvidos) e o processo de educ comunicação (estabelecendo um percurso comunicativo, desde as escritas videográficas que situam estes jovens no social, desencadeadoras de experiências produzidas na produção e crescimento cognitivo próprio). Como elemento de alcance da própria inteligência dos sujeitos envolvidos, o uso da tecnologia videográfica é utilizado como suporte e elemento importante no processo educ comunicativo a ser desenvolvido ao longo de toda a trajetória nessa pesquisa intervenção.

Ao tomar nas mãos esta proposição educ comunicativa junto às tecnologias da comunicação,

² (Lévy, 2010:17-18).

pode essa ferramenta tecnológica favorecer formas de inscrição dos jovens autistas e suas convivências nos espaços sociais. Assim, há entendimento de ser possível alcançar a compreensão das TIC’s, ainda bem pouco explorados e não completamente assimilados em sua real estrutura e potencial comunicativo nesse campo da experiência em saúde mental, bem como na maximização de suas potencialidades utilizadas integralmente enquanto instrumento valioso do trabalho com jovens em circunstância de sofrimento psíquico.

O entendimento apresentado alcança a ideia de que as etapas de produção do produto videográfico serão como pontes educ comunicativas para o desenvolvimento de metodologias diferenciadas, onde o propósito é trazer à reflexão as inquietações, os sentimentos e as experiências do viver desses jovens que comumente são afastados dos espaços da cidade devido às suas diferentes condições subjetivas. Dessa forma o olhar do próprio indivíduo envolvido no processo educ comunicativo faz enxergar-se como produtor/autor de um complexo sistema de linguagem visual representando a si próprio e fazendo ver-se de outro modo, cumprindo assim a *atualização* do seu campo *virtual*.

O processo educ comunicativo do vídeo exercerá uma forte influência na leitura de resignificação do mundo sobre o seu produtor, que debruçará seu olhar em atividade no produto, em seu percurso de invenção. Ao alcançar o processo final, os jovens envolvidos nesse trabalho despertarão suas capacidades cognitivas/comunicativas e terão oportunizadas as potencialidades técnicas e a ideia videográfica como força para atingir uma nova linguagem. Do roteiro personalizado dessa invenção seguindo até a exibição do vídeo várias etapas cumprirão seu papel comunicativo e a partir de então ter-se-á espaço suficiente para observar, intervir e pesquisar as situações vivenciadas, resultando as informações necessárias para a construção do trabalho que se afigura na tarefa do pesquisador.

1 O SUPORTE MIDIÁTICO COMO INSTRUMENTO INTEGRADOR SOCIAL DOS JOVENS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO

A partir da leitura dos recentes estudos envolvendo trabalhos voltados para uma política antimanicomial encontramos a defesa de uma política humana e socializadora para os indivíduos com problemas psíquicos. No ancoradouro da prática midiático-tecnológica como instrumento de socialização e valorização terapêutica dos jovens portadores de sofrimento psíquico vamos encontrar em Tanikado (2010), Vianna (2008) e Dihel, Maraschin e Tittoni (2009) o espaço de construção para a ação das oficinas que preparam o campo de

atividade dos jovens envolvidos em projeto de pesquisa e conseqüentemente o aporte teórico consolidado para o desenvolvimento dessas ações do que se convencionou denominar “Oficinando em rede”.

Ao realizar esta imersão no campo de estudos que envolvem tecnologias, comunicação e saúde mental nas experiências com jovens autistas, coloca-se a seguinte questão de pesquisa: – Quais transformações e deslocamentos a experiência de criação videográfica permite observar nas formas de inscrição dos jovens no social? No lastro da proposta apresentada para pesquisa há ainda que considerar outros questionamentos, desse modo acompanhando a questão central da pesquisa: – Pode a relação videográfica com esses inventores produzir, a partir do contato educacional, a busca por novas formas de inscrição no social? Essas questões desafiadoras/transformadoras estarão envolvidas no fazer comunicacional e serão propiciadoras dessas atividades que mobilizarão toda a esfera cognitiva dos indivíduos envolvidos nesse trabalho, construindo nessa perspectiva de enfrentamento das dificuldades da máquina versus o fazer inteligente um resultado positivo caracterizador das potencialidades cognitivas e comunicacionais diferenciadas, voltando-se para a arte videográfica.

Ao tomar nas mãos esta proposição, em que o processo educacional alia-se as tecnologias da comunicação, pode se colocar como ferramenta capaz de favorecer formas de inscrição dos jovens autistas nos espaços sociais entendemos ser possível alcançar a compreensão de que os TIC’s ainda estão sendo pouco explorados e não completamente assimilados em sua real estrutura e potencial comunicativo no âmbito da saúde mental, nem tampouco suas potencialidades utilizadas integralmente enquanto instrumento valioso no trabalho com jovens em circunstância de sofrimento psíquico.

É nesse entendimento o alcançar da ideia que envolve as etapas de produção do produto videográfico – sendo pontes educacionais para o desenvolvimento de metodologias diferenciadas, onde o propósito é trazer à reflexão as inquietações, os sentimentos e as experiências do viver de jovens autistas que comumente são afastados dos espaços da cidade devido às suas diferentes condições subjetivas. Ainda auxiliarão nos resultados ratificadores do diagnóstico preliminar apresentado desde os primórdios do tratamento e abertura de espaço para a contribuição/avanço psicoterápico dos pacientes atendidos na saúde pública. Além desses valores de integração social, há que considerar o olhar do produtor do vídeo transformando a visão do próprio indivíduo, fazendo-o enxergar-se como produtor/autor de um complexo sistema de linguagem visual representando a si próprio e fazendo ver-se de outro modo, cumprindo assim

a *atualização* do seu campo *virtual*.

O processo educacional do vídeo exercerá uma forte influência na leitura de mundo sobre o seu produtor, que debruçará seu olhar em atenta reflexão no produto finalizado. Ao alcançar o processo final da produção videográfica, os jovens envolvidos nesse trabalho poderão questionar-se sobre suas capacidades cognitivas/comunicativas e terão oportunidade de efetivar a reflexão acerca de suas potencialidades técnicas. Do roteiro a exibição do vídeo várias etapas cumprirão seu papel educacional e a partir de então ter-se-á espaço suficiente para observar, intervir e pesquisar as situações vivenciadas, daí resultando em informações necessárias para a construção dessa hipótese.

2 A NOVA VERSÃO PARADIGMÁTICA ANTIMANICOMIAL E AS RELAÇÕES COM A ARTE VIDEOGRÁFICA

A promoção de políticas públicas avessa ao antigo sistema manicomial impulsionou a ideia viabilizadora de alternativas ao aprisionamento medicamentoso nesses locais de isolamento para tratamento de saúde, que resistia a ideia de que o paciente deveria levar uma vida normal e não se afastar do convívio social ao qual ele estava inserido desde a sua tenra idade. No raciocínio da busca dessas alternativas às ações medicamentosas, através do papel das TIC’s e mais especificamente com a instrumentalização da educação, é que o campo da experimentação e dessas possibilidades midiático-comunicativas vem ganhando proporções consideráveis, bem como espaço nas políticas públicas através da luta antimanicomial.

Nesse aspecto urge desenvolver uma reflexão capaz de alcançar resultados da implantação dessas novas técnicas educacionais, buscando desse modo visualizar os efeitos da aplicação prática através do videografismo e seus reais benefícios na vida desses jovens autistas. Ao canalizar nossa atenção para esse aspecto, a pesquisa deve ainda promover o desenvolvimento de diálogos educacionais capazes de estabelecer uma relação da lógica autista de diálogo e garantir a possibilidade de uma produção videográfica despertando as condições artísticas latentes e necessárias a uma comunicação como instrumento protagonista dessa política de desospitalização.

O trabalho com ferramentas de comunicação visual e seus periféricos tecnológicos assinalará a utilização de equipamentos da comunicação midiática e as possibilidades de inseri-las no complexo desafio de intermediar um processo de busca e valorização das capacidades cognitivas dos indivíduos. De outra forma, essa tecnologia midiática comporta em sua

utilização a esfera inventiva, que imbuída de valores educacionais, desdobrar-se-á em resultados significativos para o bem estar dos jovens. Ademais, cumpre ressaltar a importância da educação aliada ao vídeo, sendo propulsor dos resultados positivos nessa luta antimanicomial, fazendo-a evoluir continuamente e primando pelo seu aperfeiçoamento enquanto pesquisa científica. É nesse âmbito que a proposta da pesquisa se consolida como uma possibilidade para atingir os efeitos desejados no trabalho que está sendo apresentado – baseando-nos nas proposições de Maturana e Varela (2001), além dos conceitos metodológicos construídos por Demo (2008) nesse tipo de pesquisa.

3 POSSIBILIDADES PARA UM CAMINHO METODOLÓGICO

O percurso metodológico tem início com o planejamento de atividades educacionais utilizando as ferramentas videográficas necessárias para o suporte da produção, estudo e pesquisa. Uma equipe multidisciplinar formada por profissionais³ capacitados desenvolverão o trabalho de execução das oficinas oportunizadas aos jovens autistas a partir da elaboração do calendário de atividades – através de um conjunto de propostas voltadas para o campo da comunicação (midiática e humana) a desdobrar-se nos encontros dessas oficinas junto ao grupo dos sujeitos portadores desse perfil de sofrimento psíquico. A proposta de planejamento atende as características de valorização das potências mentais dos jovens autistas envolvidos nesse cenário de trabalho e, desse modo, capaz de definir as ações que serão executadas ao longo do percurso em que o vídeo servirá de instrumento inventivo. Dessa maneira, o planejamento atenderá as seguintes etapas: as atividades posteriores serão dadas a conhecer somente quando a oficina anterior apontar a diretiva de trabalho da oficina subsequente, a partir das percepções alcançadas no desenvolvimento dessas atividades executadas. A oficina inicial trará como suporte inventivo – que antecederá o trabalho com o vídeo, brincadeiras lúdicas voltadas com a manipulação de imagens através de câmera fotográfica, atividades de desenhos com papel em branco para desenvolvimento de arte livre, jogos de memória, montagem de quebra-cabeça e apresentação de pequenos vídeos, quando será definido um possível grupo em que a pesquisa será desenvolvida.

A construção desse espaço metodológico acompanhará os elementos conceituais e científicos delineados a partir de estudos científicos com jovens

3 Nessa equipe multidisciplinar deverão constar a presença inicial dos seguintes profissionais: comunicador social, psicólogo, psiquiatra, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, psicopedagogo.

autistas desenvolvidos a partir de pesquisadores com experiência nesse campo científico, trazendo as experiências de Assumpção Jr (2011)⁴, quando apresenta os elementos básicos da síndrome comportamental do autismo e caracteriza-o como um comportamento marcado por déficit de interação social e de alterações da linguagem. A proposta de estudo e pesquisa apresenta importante aspecto, pois a escolha do campo voltado para a saúde mental ainda carece de um olhar mais aprofundado nessas condições em que estão envolvidos com a realidade do autismo. Colaboram ainda nesse aspecto conceitual Orrú (2012), Surian (2010) e Relvas (2011), constituindo uma condição de diálogo na pesquisa e favorecendo o entendimento no campo pesquisado. Nesse diálogo há que considerar importante as ideias apresentadas por Canguilhem (2009), que inicia uma discussão na seara médica entre o sujeito denominado normal e aquele outro considerado portador de patologia, implicando em discordar do termo normal utilizado na medicina como o estado ideal e habitual dos órgãos –, mostrando-se contrário a utilização da terminologia patológica é produtora de um estigma, haja vista que a saúde perfeita de forma contínua é anormal.

Os aspectos da arte e da tecnologia são observados nesse instante, numa construção prática capaz de instrumentalizar as capacidades cognitivas dos jovens autistas envolvidos na pesquisa. A comunicação e a mídia – ferramenta tecnológica a ser utilizada no processo inventivo – serão disponibilizados no intuito de possibilitar a manipulação técnica e gerar o resultado da arte participante, movendo e deslocando-os para um momento em que além das habilidades técnicas existe o núcleo do pensamento que opera através e pelo vídeo. Assim, a arte com essa propriedade se afina com o pensamento de Suassuna (1996, p. 216), apontando que “[...] a Arte está sempre a serviço de uma ideia, de uma causa, ela é sempre participante, com uma função social definida, engajada, alistada a serviço de alguma coisa”.

A provocação técnico-artística de Jean-Marc Phillippe⁵ (1997: 191) impõe reflexão acerca do pensamento que envolve arte e tecnologia e que assim o define entre a capacidade de produção/elaboração/execução desses elementos inventivos, como o artista assim elabora:

4 Trabalho publicado no livro *Neuropsicologia e aprendizagem*.

5 “Artista multimídia trabalha as relações da arte no espaço. Concebeu e realizou a operação *Message des Hommes a l’Universe*: 10.500 mensagens recolhidas por Minitel entre 1986-1987 e retransmitidas no espaço por radiotelescópio. Artista interessado em telemática, esculturas com novos materiais (*alliage à mémoire de formes*), arte espacial, comunicação.” (Domingues, 1997: 351)

[...] voltando-me para meus anos de prática, constato que a utilização que faço das tecnologias consiste em colocá-las a serviço dos conceitos/metáforas que nascem em meu imaginário e não o inverso. Acontece-me, entretanto, de reencontrar, às vezes, como que por meio de ligas para a memória das formas, tecnologias que me provocam emoções particulares, ligadas (sic.) seja à sua particularidade técnica, seja ao conceito científico que as sustenta, seja, ainda, aos imaginários artísticos que elas me inspiram.

Nesse contexto, Philippe (1997) contribui para denotar uma arte presente no íntimo de cada indivíduo e materializar as possibilidades de produção artística a partir dessas experiências pessoais, sem que para tanto a formação técnico-científica seja um imperativo e que todo produto dela resultante tenha que atender a um conceito acadêmico e/ou científico do que se concebe como sendo arte. Ou seja, a produção videográfica dos jovens envolvidos se amoldará nesses traços de produção da arte do vídeo e se conectará com uma construção imagética – que antes de tudo refletirá seus objetos de pensamento e suas emoções particulares.

Para Santaella (2003, p. 153) a arte e a tecnologia são instrumentos criadores de um panorama histórico, que caminhou desde a Renascença até os dias atuais e construiu ao longo desse percurso os elementos, suportes e recursos necessários a sua manutenção e existência – assim percebe-se que

Nessa medida, a arte tecnológica se dá quando o artista produz sua obra através da mediação de dispositivos maquímicos, dispositivos estes que materializam um conhecimento científico, isto é, que já têm uma certa inteligência corporificada neles mesmos. Enquanto ferramentas técnicas, utilizadas para produção artesanal, por exemplo, de imagens, são meros prolongamentos do gesto hábil, concentrado nas extremidades das mãos, como é o caso do lápis, do pincel ou do cinzel, os equipamentos tecnológicos ou “aparelhos”, segundo denominação de Flusser (1985), são máquinas de linguagem, máquinas mais propriamente semióticas. Sem deixar de ser máquinas, elas dão corpo a um saber técnico introjetado nos seus próprios dispositivos materiais.

Ao aliar o pensamento de Santaella (2003) e o de Philippe (1997) pode-se então conferir que os traços marcantes na utilização do vídeo se dará a partir de uma lógica roteirizada das experiências desses jovens que participarão da experiência. É a partir dessa proposta

que se definirão os resultados oriundos da prática videográfica. O técnico e o científico já estão postos na construção da câmera de vídeo, o que falta para executar o fazer artístico encontra-se no pensamento desses mesmos jovens que protagonizarão o modelo videográfico como unidade da pesquisa.

CONCLUSÃO

As alternativas para a vivência social harmônica dos jovens em sofrimento passam a adquirir novo formato quando os elementos constitutivos desse convívio em sociedade significa um trabalho de valorização do fazer humano conjugado com os valores obtidos nesse processo educacional. Como instrumento da expressão artística o trabalho videográfico representa um poderoso elemento de valorização capaz de devolver a esses jovens a capacidade de interação social, e mais, promover o desenvolvimento das suas capacidades para enfrentamento da problemática psicológica oriunda dos seus sofrimentos psíquicos.

Os conceitos videográficos postos passam a definir outras possibilidades de trabalho, que não sejam somente aquelas em que envolve a produção de efeitos especiais e/ou materiais de difícil alcance e com exigência profissional de inalcançável resultado no vídeo – somente possível para aqueles profissionais que se habilitaram a desenvolver tamanha competência tecnológica. Ao utilizar o conhecimento educacional os jovens autistas serão convidados a deslocarem suas percepções visuais do campo psicobiofísico para a materialização do produto realizado com o vídeo.

Nessa pesquisa descortina-se a instância de vivência experiencial com os jovens em sofrimento psíquico, ao passo que gera uma oportunidade de socializar as práticas de natureza artística do vídeo e proporcionam um momento em que esses jovens possam a se sentir participantes de uma vida cheia de possibilidades. Sem menosprezar a potencialidade juvenil, e em reconhecendo as dificuldades enfrentadas com a problemática psíquica do autismo, voltar-se-á o trabalho para uma instância criativa que desperta o desejo de atingir resultados satisfatórios na obtenção de um produto videográfico e dessa maneira fazer com que esses jovens possam conviver com a sua problemática psicológica, mas não desconsiderando as suas potencialidades para o desenvolvimento de um ambiente onde as suas inventividades não permaneçam adormecidas.

É a partir desse método educacional que a enação cognitiva se mostrará capaz de revelar-se – mesmo diante das perturbações oriundas do sofrimento psíquico; contudo demonstrará ainda as

suas potencialidades de construção comunicativa, além de um conjunto de possibilidades contínuas de materializar essa sua criatividade. O vídeo fará o papel de instrumento pelo qual extrairá os princípios desenvolvimentistas dessa sociabilidade fazendo conjugar no convívio coletivo respeitoso apesar dessas diferenças psicológicas, garantindo assim a diversidade de perfis e potencialidades, sem que haja prejuízos nessa relação.

Cumpra o desenvolvimento do videografismo um papel importante na vida daqueles que até bem pouco tempo somente encontrava na vigilância farmacológica – reunidos na terapia manicomial – os resultados necessários para um paliativo que cerceava a sua liberdade e o direito de conviver em sociedade como qualquer indivíduo que se reconheça enquanto pessoa. Percebe-se, dessa forma, que o trabalho proposto nesse mister contribui significativamente para novos horizontes que se visualizam na política antimanicomial.

REFERÊNCIAS

- Amarante, P. D. C. (1996). *O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. Rio de Janeiro, Fiocruz.
- Barbosa, G. G. and Rabaça, C. A. (2001). *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro, Elsevier.
- Brasil. *Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial*. (2004). Brasília: Ministério da Saúde.
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Demo, P. *Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos*. (2008). Brasília, Liber Livro.
- Fagundes, S.M.S. (2006). *Águas da pedagogia da implicação: intercessões da educação para políticas públicas de saúde*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Educação).
- Foucault, M. (2010). *História da loucura*. São Paulo, Perspectiva.
- _____. (2006). *O poder psiquiátrico*. São Paulo, Martins Fontes.
- Lévi, P. (2010). *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- _____. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo, Editora 34.
- Maturana, H. R., and Varela, F. (2001). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo, Palas Athenas.
- Orrú, S. E. (2012). *Estudantes com necessidades especiais: singularidade e desafios na prática pedagógica inclusiva*. Rio de Janeiro, Wak Editora.
- Relvas, M. P. (2011). *Neurociências e transtornos de aprendizagem: as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva*. Rio de Janeiro, Wak Editora.
- Soares, I. O. (2011). *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo, Paulinas.
- Surian, L. (2010). *Autismo: informações essenciais para familiares, educadores e profissionais de saúde*. São Paulo, Paulinas.
- Valle, L. E. L. R. et al. (2011) *Temas multidisciplinares de neuropsicologia e aprendizagem*. Ribeirão Preto-SP, Novo Conceito Editora.